

# PERCEPÇÃO SOBRE A AUTOMEDICAÇÃO: SAÚDE VERSUS RISCOS ASSOCIADOS

## PERCEPTION ABOUT SELF-MEDICATION: HEALTH VERSUS RISKS ASSOCIATED

JESSIKA DOS SANTOS **SOUZA<sup>1</sup>**, ROSANE PEREIRA DOS **REIS<sup>2\*</sup>**, CAMILA ALBUQUERQUE MELO **DE CARVALHO<sup>3</sup>**, DANIELE GONÇALVES **BEZERRA<sup>4</sup>**

**1.** Acadêmico do curso de graduação de Enfermagem da Faculdade Estácio de Alagoas; **2.** Enfermeira, Pós-graduada em Docência e Gestão do Ensino Superior e Doutoranda em Biotecnologia em Saúde pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL; **3.** Professora Doutora, Disciplina Anatomia Humana do curso de Medicina do Centro Universitário Barão de Mauá. **4.** Professora Doutora, Disciplina Anatomia humana do curso Medicina da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

\* Condomínio Tarcísio de Jesus - Rua São Francisco, 1491, Bloco M, apt. 007, Ouro Preto, Maceió, Alagoas, Brasil. CEP: 57045-840.  
[rosane\\_pr@hotmail.com](mailto:rosane_pr@hotmail.com)

Recebido em 29/08/2019. Aceito para publicação em 14/09/2018

## RESUMO

A automedicação caracteriza-se como a prática de utilizar medicamentos sem prescrição. Diante disso, o objetivo geral do trabalho foi analisar a percepção sobre a automedicação, focalizando a saúde e fatores de riscos associados, visando caracterizar e quantificar aspectos problemáticos passíveis de intervenção, correção e prevenção. Trata-se de estudo descritivo, quantitativo, epidemiológico e transversal, realizado por meio do aplicativo Google Drive, utilizando a ferramenta de comunicação online (e-mail, redes sociais, etc.). Os resultados revelaram que 65,5% dos indivíduos eram do gênero feminino, 37% do gênero masculino e 3% consideram-se homossexuais. A faixa etária de 18 e 28 anos representam maior parcela dos indivíduos da amostra com 65,5%. Quanto à área profissional 46,5% representam à área de Ciências Biológicas, Saúde e Humanas. Em relação aos motivos que levam a automedicação 88% responderam dor de cabeça e 92% utilizam analgésicos. Conclui-se que o gênero feminino têm elevado percentual de automedicação, e que, maioria dos indivíduos utilizam o analgésico para aliviar a dor de cabeça.

**PALAVRAS-CHAVE:** Automedicação, saúde, risco.

## ABSTRACT

Self-medication is characterized as the practice of using non-prescription drugs. Given this, the overall objective of this work was to analyze the perception about self-medication, focusing on the health and risk factors, in order to characterize and quantify problems amenable to intervention, correction and prevention. It is descriptive, quantitative study, cross-sectional epidemiological and directed through the application Google Drive, using the tool of online communication (email, social networks, etc.). The results showed that 65.5% of individuals were of the female gender, 37% of males and 3% consider themselves gay. The age group of 18 and 28 years old represent largest portion of sample persons with 65.5%. With regard to the professional area 46.5% represent to the area of life sciences, health and humanities. In relation to the reasons which lead to self-medication 88% responded headache and 92% use painkillers. It is concluded that the female gender have high percentage of self-medication, and that most individuals use the Painkiller to relieve headache.

**KEYWORDS:** Self-medication, health, risk.

## 1. INTRODUÇÃO

A automedicação caracteriza-se como a prática de utilizar medicamentos sem prescrição. A automedicação é forma comum de autocuidado em saúde, e pode ser definida como o uso de medicamentos sem prescrição médica, ou seja, o paciente é quem decide o medicamento a ser utilizado, com a finalidade de tratar ou minimizar sintomas ou até mesmo de promover a saúde, independentemente da prescrição profissional<sup>1</sup>.

De acordo com o estudo realizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), em 2012 mais de 50% de todos os medicamentos são prescritos, dispensados ou vendidos de forma inapropriada. Mais de 50% dos usuários não utilizam os medicamentos de maneira correta. E mais de 50% de todos os países não utilizam políticas básicas para promover o uso racional de medicamentos. Vale destacar que a situação é pior em países em desenvolvimento, com menos de 40% dos pacientes no setor público e menos de 30% no privado sendo tratados de com diretrizes clínicas<sup>2</sup>.

O aumento da disponibilidade de medicamentos no Brasil e em todo mundo, passou a existir uma preocupação relacionada ao uso racional de medicamentos, que se tornou um dos pilares da saúde pública, tendo em vista que os medicamentos tornaram-se imprescindíveis no tratamento atual<sup>3</sup>. No Brasil, o setor privado é o principal responsável, a população brasileira e a venda de medicamentos nas farmácias, em geral, estão nas mãos de leigos, proprietários e balconistas. Nesse cenário, necessitam serem avaliados todos os benefícios e as desvantagens da automedicação<sup>1</sup>.

Observa-se no Brasil, um elevado aumento no padrão de consumo de medicamentos pela população, o que induz ao uso incorreto ou inútil, procedendo em consequências sérias como efeitos colaterais indesejados, reações alérgicas, intoxicações e etc<sup>4</sup>.

O ato de se automedicar é um fato potencialmente prejudicial à saúde individual e coletiva, pois nenhum medicamento é inócuo. O uso impróprio de medicamentos considerados simples pela população,

como exemplo os analgésicos de venda livre, podem induzir um grande número de distúrbios e patologias, bem como tornar difícil a detecção de enfermidades<sup>2</sup>.

Embora em alguns casos a automedicação seja utilizada como uma necessidade, tendo apenas como principal função complementar à falta da assistência nas Unidades de Saúde, particularmente em países pobres. Porém, fica evidente que este hábito, usado de maneira imprópria pode ter como consequência efeitos indesejáveis, doenças iatrogênicas e mascaramento de enfermidades evolutivas, representando deste modo um problema a ser prevêido<sup>5</sup>.

É importante destacar que o medicamento traz intrinsecamente um valor simbólico, que expressa a vontade de transformar o curso natural da doença. Dentro desse cenário, a automedicação é a tentativa de aliviar agravos em saúde, causando irracionais no consumo, levando a consequências com impactos sanitários importantes para qualquer sistema de saúde<sup>6</sup>.

O direito à saúde, estabelecido pela Constituição Brasileira, evidencia os medicamentos como elementos essenciais e estratégicos, sujeitos à influência de muitos fatores que vão de aspectos relacionados ao seu desenvolvimento até o uso no tratamento. Os medicamentos constituem um insumo essencial na moderna intervenção terapêutica, sendo utilizado na cura e controle de doenças, com grande custo-efetividade quando empregados racionalmente, afetando decisivamente os cuidados de saúde<sup>7</sup>.

Cabe ressaltar que este estudo é relevante, uma vez que, tal prática pode afetar a saúde, antes de curar e tende a elevar ao máximo o problema ou acarretar complicações indesejadas, ou seja, a automedicação pode disfarçar a doença, podendo comprometer o diagnóstico e o tratamento precoce de uma doença mais grave<sup>3</sup>.

Sendo assim, os objetivos são analisar a percepção sobre a automedicação, focalizando a saúde e fatores de riscos associados, visando caracterizar e quantificar aspectos problemáticos passíveis de intervenção, correção e prevenção, e fornecer aos profissionais em geral informações atuais sobre o tema, além de ser fonte de consulta para a realização de trabalhos acadêmicos e a divulgação da importância do tema.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo, epidemiológico e transversal, realizado por meio do aplicativo Google Drive, utilizando a ferramenta de comunicação online (e-mail, redes sociais, etc.).

O Google Drive permite que o disco rígido armazene arquivos, pastas e documentos do Google, aos quais pode acessar partir de um navegador de internet ou de um dispositivo em que tenha instalado a aplicação. Essa ferramenta permite ir além do mero armazenamento de arquivos, partilha arquivos exatamente com quem pretende e edita em conjunto, a partir de qualquer dispositivo<sup>8</sup>.

Primeiramente foi enviado um link do questionário contendo 22 questões, onde os participantes tiveram o direito de escolher se queriam participar da pesquisa ou não. Os participantes que aceitaram participar da pesquisa tiveram que confirmar o Termo de Consentimento livre e Esclarecido (TCLE) e receberam todas as informações necessárias quanto ao estudo. Vale destacar que a coleta de dados foi realizada por meio do questionário no Google Drive online, onde o mesmo foi preenchido e devolvido via web.

Para a composição da amostra os critérios de inclusão foram: indivíduos com idade igual ou superior à 18 anos; de gêneros femininos, masculinos e LGBTI (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais/ travestis/ transgêneros e intersexuais) e que concordasse com as condições do TCLE. E os critérios de exclusão foram: questionários que não estivessem devidamente preenchidos. Desta forma, a amostra desse estudo foi composta por 200 pessoas.

A partir da amostra selecionada, realizou-se apreciação quantitativa dos dados. A análise buscou informações como: identificação (gênero, idade, e estado civil), automedicação, tipo de medicamentos utilizados, medicamentos prescritos, e principais motivos para a automedicação. Os dados foram organizados e tabulados em um banco de dados, fazendo uso do programa Microsoft® Excel® 2010 e organizados e apresentados na forma de tabelas, com o objetivo de verificar os aspectos relevantes à pesquisa.

Todo o estudo foi realizado de acordo com a resolução nº 466/12, do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério de Saúde (CNS/MS), os dados coletados nessa pesquisa, serão resguardados, de modo a preservar qualquer aspecto que identifique os participantes, mantendo sua privacidade individual (NOVOA, 2014). O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Estácio de Alagoas – FAL, sobre o protocolo de N° 1.146.044, e o CAAE de N° 44661715.4.0000.5012.

## 3. RESULTADOS

A análise descritiva na Tabela 1 apresenta as variáveis sócio-demográficas. Houve como padronização na amostragem 200 indivíduos, onde participaram do estudo uma amostra de 209 indivíduos. Dentre os questionários respondidos foram excluídos 9 que não concordaram com o termo de consentimento livre e esclarecido, desta forma a amostra foi composta por 200 indivíduos. Nos resultados obtidos nesta pesquisa destaca-se que 60% (120 indivíduos) da população amostral é composta pelo gênero feminino, sendo o gênero masculino representado por 37% (80 indivíduos) e 3% (7 indivíduos) consideram homossexual.

Entre os 200 entrevistados a faixa etária dos indivíduos variou de 18 a 40 ou mais. Nota-se que houve maior número de pessoas a faixa etária de 18 e 28 anos com 65,5% (131), seguido pela faixa etária de 29 a 40 anos com 22,5% (45), e a que obteve menor

número, porém relevante foi a faixa etária maior de 40 anos com 12% (22).

Quanto ao estado civil, a pesquisa mostra que 57,5% (115) se dizem solteiros, 23% (46) são casados, 13% (26) são viúvos e 6,5% (13) são divorciado. Em relação a região 65% (130) são do Nordeste, 11,5% (23) do Centro-Oeste, 6,5% (13) do Norte, 14% (28) do Sudeste e 3% (6) do Sul. Já em relação ao grau de escolaridade obteve maior relevância o ensino superior incompleto com 26% (52), seguido pelo ensino médio completo com 17,5% (35), 12% (24) ensino médio incompleto, 11% (22) ensino superior completo, 9,5% (19) ensino fundamental incompleto, 8,5 (17) pós-graduação, 7,5% (15) ensino fundamental completo, 6% (12) Mestrado, 4,5% (9) não alfabetizado e já os indivíduos com Doutorado obteve menor número com 1,5% (3).

No que diz a respeito à ocupação 49% (98) são estudantes, 27,5% (55) trabalham, 10,5% (21) desempregado, 6% (12) aposentado por tempo de serviço, 1,5% (3) aposentado por invalidez e 5,5% (11) do lar. Quanto a área profissional 9,5% (19) Ciências Exatas e da Terra, 46,5 (93) Ciências Biológicas, Saúde e Humanas, 7,5% (15) Ciências Agrárias, 8,5% (17) Ciências Sociais aplicadas, 8% (16) não souberam responder e 20% (40) outras áreas.

**Tabela 1:** Apresenta os resultados em número (n) e percentual (%) das informações: gênero, idade, estado civil, região, grau de escolaridade, ocupação e área profissional.

Variável Primária	n	%
<i>Gênero</i>	Feminino	120 60
	Masculino	73 37
	Feminino e Masculino (Homossexual)	7 3
<i>Faixa Etária</i>	18 a 28 anos	131 65,5
	29 a 40 anos	45 22,5
	Maior que 40	24 12
<i>Estado Civil</i>	Solteiro	115 57,5
	Casado	46 23
	Viúvo	26 13
	Divorciado	13 6,5
<i>Região</i>	Nordeste	130 65
	Centro oeste	23 11,5
	Norte	13 6,5
	Sudeste	28 14
	Sul	6 3
<i>Grau de Escolaridade</i>	Não Alfabetizado	9 4,5
	Ensino Fundamental Incompleto	19 9,5
	Ensino Fundamental Completo	15 7,5
	Ensino Médio Incompleto	24 12
	Ensino Médio Completo	35 17,5
	Ensino Superior Incompleto	52 26
	Ensino Superior Completo	22 11
	Pós-Graduação	17 8,5
	Mestrado	12 6
	Doutorado	2 1
<i>Ocupação</i>	Estudante	98 49
	Trabalha	55 27,5
	Desempregado	21 10,5
	Aposentado por tempo de serviço	12 6
	Aposentado por	3 1,5

	invalidez		
	Do lar	11	5,5
<i>Área Profissional</i>	Ciências Exatas e da Terra	19	9,5
	Ciências Biológicas, Saúde e Humanas	93	46,5
	Ciências Agrárias	15	7,5
	Ciências Sociais Aplicadas	17	8,5
	Não sei responder	16	8
	Outros	40	20
	<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016 (Google Drive).

Conforme a Tabela 2, observou-se que 34% (63) ingeriram medicamentos nas últimas 24 horas, 17 % (34) nos últimos 3 dias, 11,5% (23) há menos de 1 semana, 23,5% (47) entre 1 semana e 1 mês atrás, 10% (20) entre 1 a 3 meses atrás, 3,5% (7) mais de 3 meses atrás e 3% (6) não lembraram. No que concerne aos medicamentos utilizados se era erva ou fitoterápico 50% (100) responderam que sim, 37,5% (75) não e 12,5% (25) não souberam responder. Em relação ao fitoterápico utilizado 19% (38) tomaram chá, 65% (130) comprimido, 12% (24) a própria planta e 4% (8) mais de uma alternativa.

Quanto à utilização e compra de medicamentos sem receita médica 63,5% (127) responderam que sim e 36,5% (73) não. Em relação à reutilização receitas antigas 53% (106) responderam que não e 47% (94) sim. Já em relação se a automedicação foi influenciada por alguém 7,5% (14) responderam que foi por amigos, parentes, vizinhos ou conhecidos, 3% (6) por farmacêutico, 1,5% (3) prescrições anteriores, 2% (4) por profissionais de saúde, 0,5% (1) por publicidade (TV, revistas e internet, rádio), 1% (2) tinham em casa sem prescrição médica, 9% (18) por decisão médica e 75,5% (151) responderam mais de uma alternativa.

**Tabela 2:** Número (n) das seguintes informações: ingeriu medicamentos, o medicamento utilizado era erva ou fitoterápico, fitoterápico utilizado, utilizou ou comprou medicamentos sem receita médica, utilizou receitas antigas e como a automedicação foi influenciada.

Informações	n	%
<i>Ingeriu medicamentos</i>	Nas últimas 24 horas	63 34
	Nos últimos 3 dias	34 17
	Há menos de 1 semana	23 11,5
	Entre 1 semana e 1 mês atrás	47 23,5
	Entre 1 a 3 meses atrás	20 10
	Mais de 3 meses atrás	7 3,5
	Não lembro	6 3
<i>O medicamento utilizado era erva ou fitoterápico?</i>	Sim	100 50
	Não	75 37,5
	Não sei responder	25 12,5
<i>Fitoterápico utilizado</i>	Chá	38 19
	Comprimido	130 65
	Próprio planta	24 12
	Mais de uma alternativa	8 4
<i>Neste último ano, utilizou ou comprou medicamentos sem receita</i>	Sim	127 63,5
	Não	73 36,5

<i>médica?</i>			
<i>Já reutilizou receitas médicas antigas?</i>	Sim	94	47
	Não	106	53
<i>A que se dá a influencia para a automedicação</i>	Amigos, parentes, vizinhos, conhecidos	15	7,5
	Um farmacêutico	6	3
	Prescrições anteriores	3	1,5
	Profissional de saúde	4	2
	Publicidade (jornais, TV, revistas, Internet, rádio)	1	0,5
	Tinha em casa sem prescrição médica	2	1
	Decisão própria	18	9
	Mais de uma alternativa	151	75,5
	<b>Total</b>	<b>200</b>	<b>100</b>

**Fonte:** Dados da pesquisa, 2016 (Google Drive).

De acordo com a Tabela 3, observou-se que em relação aos motivos que levam a automedicação 8% (16) responderam dor de cabeça, 2,5% (1) febre, alergias, lesões de pele, insônia, dispepsia (má digestão), dor muscular sendo 0,5% cada, 3% (6) resfriado/gripe, 1% (2) Refluxo (azia) e cólica cada, 2,5% (5) outros e 80% (160) responderam mais de uma alternativa. No que diz a respeito à procura de informações ou esclarecimentos adicionais do medicamento antes de se automedicar, 63% (126) responderam que sim e 37% (74) que não.

No que concerne aos medicamentos que utiliza com mais frequência 10% (20) responderam analgésicos, 1,5% (3) antitérmicos e outros cada, 0,5% (1) antiinflamatórios, antialérgicos/anti-histamínicos, antibióticos e Vitamina D, C, B cada e 82% (164) responderam mais de uma alternativa. Em relação à dependência da automedicação 71% (142) não se consideram dependente e 29% (58) sim. Destaca-se ainda que 71,5% utilizam sempre os mesmos medicamentos quando apresenta os mesmos e 28,5% (57) responderam que não.

Em relação os medicamentos utilizados se estão sempre disponíveis em sua casa 50% (100) responderam que sim, procura sempre tê-los em casa, 38,5% (77) não, mas compro quando preciso, porque sei que ele resolve meu problema e 11,5% (23) responderam que não, procura uma unidade de saúde para consultar o médico e obter receita. Ressalta-se que 81,5% (163) dos entrevistados não apresentaram nenhum problema a cerca da medicação que se automedicou e 18,5% (37) apresentaram.

Em uma escala de 1 a 5, 32,5% (65) acreditam que frequentemente há riscos em se automedicar, 27% (54) sempre, 23% (46) às vezes, 9% (18) raramente e 8,5% (17) nunca. No que diz a respeito a frequência da automedicação 37% (74) às vezes, 23,5% (47) frequentemente, 19,5% (39) raramente, 14,5% (29) sempre e 5,5% (11) nunca.

**Tabela 3:** Número (n) das seguintes informações: referente ao motivo da automedicação, esclarecimentos adicionais, medicamentos mais utilizados, dependência da automedicação, medicamentos disponíveis em casa, riscos da automedicação, frequência da automedicação.

	<i>Informações</i>	<i>n</i>	<i>%</i>
<i>Referente a sua última medicação, qual o motivo / doença</i>	Dor de cabeça	176	88
	Febre	1	0,5
	Resfriado/Gripe	6	3
	Infecções/Inflamação de garganta	3	1,5
	Infecções/Inflamação de ouvido (otites)	0	-
	Renite / Sinusite	0	-
	Alergias	1	0,5
	Lesões orais	0	-
	Lesões de pele	1	0,5
	Refluxo (azia)	2	1
<i>Antes de se automedicar, procurou informações, ou esclarecimentos adicionais do medicamento?</i>	Insônia	1	0,5
	Diarreia	0	-
	Dispepsia (má digestão)	1	0,5
	Dor muscular	1	0,5
	Circulação periférica	0	-
	Cólica	2	1
	Outros	5	2,5
	Sim	126	63
	Não	74	37
<i>Qual medicamento você utiliza com mais frequência?</i>	Analgésicos (para dor)	184	92
	Antitérmicos (para febre)	3	1,5
	Antiinflamatórios	1	0,5
	Antialérgicos/anti-histamínicos (Alergia)	1	0,5
	Xarope para tosse	0	-
	Antiasmáticos (tratamento de asma)	0	-
	Antibióticos (para infecções)	1	0,5
	Corticoides sistêmicos (via oral) (para doenças inflamatórias, como, artrite, bronquite, hepatite)	0	-
	Descongestionantes nasais	0	-
	Gotas otológicas (para ouvidos)	0	-
<i>Você se considera dependente dessa automedicação?</i>	Remédios para resfriado / gripes	6	3
	Cafeína (termogênico)	0	-
	Cloreto de sódio	0	-
	Mebendazol (para tratamento de verminoses)	0	-
	Vitamina D, C, B	1	0,5
	Outros	3	1,5
	Sim	58	29
	Não	142	71
	<i>Você utiliza sempre os mesmos remédios quando apresenta os mesmos sintomas?</i>	Sim	143
<i>Os medicamentos utilizados, sempre estão disponíveis em sua casa?</i>	Não	57	28,5
	Sim, procuro sempre tê-los em casa	100	50
	Não, mas compro quando preciso, porque sei que ele resolve meu problema	77	38,5
	Não, procuro uma	23	11,5

	unidade de saúde para consultar o médico e obter receita.		
<i>Surgiu algum problema a cerca da medicação com que se automedicou?</i>	Sim	37	18,5
	Não	163	81,5
<i>Acredita que há riscos em se automedicar?</i>	Nunca: 1	17	8,5
	Raramente: 2	18	9
	Às vezes: 3	46	23
	Frequentemente: 4	65	32,5
	Sempre: 5	54	27
<i>Com que frequência você se automedica?</i>	Nunca: 1	11	5,5
	Raramente: 2	39	19,5
	Às vezes: 3	74	37
	Frequentemente: 4	47	23,5
	Sempre: 5	29	14,5
<b>Total</b>		<b>200</b>	<b>100</b>

## 4. DISCUSSÃO

Podemos afirmar que o presente estudo identificou elevada prevalência de automedicação em mulheres, os resultados encontrados devem-se ao fato da maior preocupação da mulher com a própria saúde, pela maior exposição da mesma à medicalização em todas as fases da vida e procura por cuidados médicos<sup>5</sup>, podendo vir a tornar-se um sério problema de saúde pública.

Em relação à idade, os resultados encontrados corroboram com resultados de um outro estudo na literatura<sup>5</sup>, revelando que a automedicação em jovens merece destaque pela maior prevalência nessa faixa etária. Nesse aspecto, vale salientar que os jovens em geral estão mais susceptíveis a prática da automedicação pela própria situação social a que estão sujeitos.

No que dizer respeito ao estado civil não foram encontrados dados na literatura que corroborassem com os dados obtidos nesse estudo que expressa a necessidade de novos estudos para possibilitar comparações. O estado civil não esteve associado ao uso de automedicação, pois a associação entre essa variável e a automedicação não é consensual na literatura<sup>9</sup>. Por exemplo, resultados semelhantes aos desta pesquisa foram descritos em outro estudo nacional, que envolveu população de idosos. Já em um estudo espanhol identificou uma alta prevalência de indivíduos adultos que vivem sós.

Os resultados deste estudo mostraram que a porcentagem de medicamentos consumidos na região Nordeste foi maior que o observado em outras regiões como no Centro-oeste, Norte, Sudeste e Sul. Essas disparidades no número de medicamentos consumidos podem ser esclarecidas pelas diferenças em relação à situação dos serviços proporcionados à população e o tipo de modelo de atenção à saúde de cada região<sup>10</sup>.

Quanto à profissão, 49% que responderam que se automedicava eram estudantes, neste aspecto é importante salientar que os mesmos procuram os medicamentos por nem sempre estarem preparados para assumir a sobrecarga de estudos, ritmo de vida, ausência de tempo para o lazer e descanso, distância da

família, alimentação irregular e cobrança elevada imposta pela jornada universitária<sup>11</sup>.

Em relação à área de atuação, os resultados obtidos mostraram que a automedicação entre os estudantes ou profissionais de saúde, humanas e biológicas tem sido um procedimento caracterizado fundamentalmente pela iniciativa de um estado doentio, ou usufruir do seu conhecimento, em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio de sintomas. Pesquisas relatam que em função do elevado e da facilidade de conhecimento adquirido na escola e na profissão de saúde, e da finalidade do próprio cuidado pelo profissional, a automedicação é uma realidade que tende a aumentar-se. Ainda assim entende-se o comportamento da automedicação, respaldada pela cognição e atuação em saúde e humanas, com tendência a aumentar-se a outros tipos de drogas - como os psicotrópicos - e tornar-se abusiva<sup>12</sup>.

De acordo com os dados da pesquisa grande parte dos entrevistados ingeriu medicamentos sem prescrição médica nas últimas 24 horas, esse dado pode ser justificado pela afirmação do estudo que diz que a má qualidade da oferta de medicamentos, o não cumprimento da obrigatoriedade da apresentação da receita médica para todos os tipos de remédios, a ausência de informações e instrução da população em geral explicam a preocupação com a qualidade da automedicação praticada no país<sup>5</sup>.

O fitoterápico foi o mais utilizado na pesquisa. Ultimamente grande parte dos fitoterápicos que são usados por automedicação ou por prescrição médica não tem o seu perfil tóxico bem conhecido. Por outro lado, o uso impróprio de um produto, mesmo de baixa toxicidade, pode induzir problemas graves desde que existam outros fatores de risco tais como contraindicações ou uso concomitante de outros medicamentos<sup>13</sup>.

No que diz respeito a compra de medicamentos sem receita médica, um outro estudo destaca em sua pesquisa que se todas as classes medicamentosas fossem comercializadas apenas com prescrição médica reduziria mais a prática da automedicação, a venda livre de alguns medicamentos e a mídia em geral colabora muito para que esse hábito não diminua e pelo contrário cresça cada vez mais<sup>14</sup>.

Em relação ao hábito citado neste estudo, sobre a reutilização de receitas médicas antigas, o estudo citado supracitado, destacou que se todos os medicamentos fossem vendidos com receita e estas ficasse guardadas nas farmácias assim como acontece com as prescrições dos antibióticos não aconteceria esse hábito, a população em geral necessita de mais orientações a respeito desse assunto especialmente sobre o armazenamento de medicamentos, muitas pessoas fazem alguma terapêutica medicamentosa ao longo da vida e na maioria das vezes acontece aquela “sobra” dos medicamentos, se essas pessoas recebesse mais orientação de onde deixar esses medicamentos que sobraram e que não necessitam armazenar e nem

mesmo jogar no lixo comum evitaria a facilidade de realizar essa prática da automedicação irracional<sup>14</sup>.

Geralmente a automedicação destas pessoas é influenciada por familiares e/ou amigos, prescrições anteriores, profissional de saúde, publicidade (TV, revistas, internet) e tinham em casa os medicamentos sem prescrição médica. A propaganda de medicamentos, prescrições antigas, o farmacêutico ou funcionário da farmácia e os familiares, vizinhos e amigos, influenciam expressivamente as pessoas a automedicação. Os mesmos ressaltaram ainda que, esses fatos podem ser provavelmente esclarecidos por experiências exitosas com o medicamento indicado seja pelo familiar ou pelo próprio sujeito da pesquisa<sup>15</sup>.

Quanto aos motivos que justificam a prática da automedicação, destaca-se que o hábito de automedicar-se está anexo ao alívio da dor. Entretanto cabe ressaltar que de acordo com a Lei 5991/731 os sintomas são provenientes de dor de cabeça, citada como motivos para consumo de analgésico, que se enquadram nas indicações para o tratamento com este medicamento<sup>2</sup>. Faz-se, pois, necessário a estruturação de um plano educacional, no sentido de proporcionar elucidações a respeito dos remédios, assim como possíveis efeitos colaterais e seus danos para a população em estudo.

Quanto à busca de informações sobre os medicamentos utilizados, evidencia-se o expressivo número de pessoas que responderam que antes de automedica-se procuram informações necessárias em relação ao medicamento. Os resultados desse estudo estão de acordo com dados da literatura que apontam que 63% das pessoas concordam que a correta orientação e apoio da equipe de saúde colaboram para a maximização da compreensão das consequências, além da observação clínica no que diz respeito à evolução ao longo da terapêutica<sup>5</sup>.

No que concerne aos tipos de medicamentos utilizados pelos entrevistados, onde o consumo de analgésicos corresponde à classe medicamentosa mais usada da população de estudo, corroborando assim com estudos, onde a maioria da população estudada, 52,3% da amostra do estudo, fazia uso de analgésico para alívio de dores<sup>16</sup>. Os analgésicos foram a maior classe consumida como os de outros estudos<sup>17</sup>.

Em relação os medicamentos utilizados, se sempre estão disponíveis em sua casa, grande parte responderam que procuram sempre tê-los em casa, evidenciando com outra pesquisa<sup>15</sup>, pois as pessoas armazenam os medicamentos no domicílio oriundos de tratamentos anteriores, uma vez que, esta prática associa-se expressivamente naqueles indivíduos que afirmam ser influenciados por familiares ou por antigas prescrições.

A maioria dos entrevistados responderam que tem conhecimento do risco que a automedicação pode acarretar, quando os mesmos salientam que consequências sérias podem acontecer do uso de medicamentos desprovido de informação médica ou farmacêutica, como o aumento da resistência

bacteriana aos antibióticos e a hemorragia cerebral devido à combinação de um anticoagulante com um simples analgésico<sup>17</sup>.

Cabe ressalvar que a prática da automedicação também está presente em classes socioeconômicas mais elevadas no Brasil e no mundo e constitui uma fonte de terapêutica acentuada, embora subnotificada e, muitas vezes, impotente ou prejudicial à saúde<sup>1</sup>. Espera-se que esse estudo colabore para alertar a população em geral acerca da automedicação, destacando ainda a importância da qualidade da orientação e acompanhamento pelos profissionais de saúde, destacando que a aliança entre a população e equipe da saúde pode e necessita colaborar, auxiliando na construção de um processo de saúde com nível de excelência para a sociedade.

## 5. CONCLUSÃO

Os achados desse estudo permitem concluir que teve um elevado percentual de automedicação no gênero feminino, atingindo mais da metade da amostra. E que profissional que mais se automedica é Ciências Biológicas, Saúde e Humanas, o que já era esperado devido os mesmos terem maior acesso os medicamentos, e tendo em vista se tratar de um legítimo processo de autocuidado. Enfim, podemos concluir também que os medicamentos mais utilizados foram os analgésicos, devido ao fato de aliviar as dores de cabeça.

## REFERÊNCIAS

- [1] Vernizzi MD, Silva LL. A prática de automedicação em adultos e idosos: uma revisão de literatura. Rev. Saúde e Desenvolvimento 2016; 10(5):1-20.
- [2] Domingues PHF, Galvão TF, Andrade KRC, et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil; revisão sistemática. Rev. Saúde Pública 2015; 49(36):1-8.
- [3] Alves TA, Malafaia G. Automedicação entre estudantes de uma instituição de ensino superior de Goiás. Rev. ABCS Health Sciences 2014; 39(3):153-159.
- [4] Seitz EM. Erro humano na saúde: o caso com medicamentos de alto risco por via intravenosa. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Florianópolis, 2015.
- [5] Júnior ACP, Filho PCPT, Azevedo DSS. Automedicação; consumo, orientação e conhecimento entre acadêmicos de enfermagem. Rev. Enferm. UFPE online 2013; 7(6): 4472-8.
- [6] Ruiz ENF, Santos VF, Gerhardt TE. Medicações na atenção à saúde sob a ótica da teoria da dádiva: a saúde da população rural em destaque. Physis Rev. de Saúde Coletiva 2016; 26(3): 829-85.
- [7] Soares L. O acesso ao serviço de dispensação e a medicamentos: modelo teórico e elementos empíricos. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de pós-graduação em farmácia, Florianópolis, 2013.
- [8] Santos RNR, Coelho OMM, Santos KL. Utilização das ferramentas Google pelos alunos do centro de ciências sociais aplicadas na UFPB. Rev. Prog. Pós-graduação

- em Gestão nas organizações aprendentes 2014; 3(1):87-208.
- [9] Pereira FGF, Araújo MJP, Pereira CR, et al. Automedicação em idosos ativos. Rev. enferm UFPE on line 2017; 11(12):4919-28.
  - [10] Santos TEA, Lima DM, Nakatani AYK, et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. Rev. saúde pública 2013; 47(1):94-103.
  - [11] Iuras A, Marques AAF, Garcia LFR, et al. Prevalência da automedicação entre estudantes da Universidade do Estado do Amazonas (Brasil). Rev. Port. Estomatol. Med. Dent. Cir. Maxilofac. 2016; 57(2):104-111.
  - [12] Jesus APGAS, Yoshida NCP, Freitas JGA. Prevalência da automedicação entre acadêmicos de farmácia, medicina, enfermagem e odontologia. Revista Estudos 2013; 40(2): 151-64.
  - [13] Leal LR, Tellis CJM. Farmacovigilância de plantas medicinais e fitoterápicos no Brasil: uma breve revisão. Revista Fitos 2015; 9(4): 253-303.
  - [14] Nogueira JSE, Bonini GAVC, Mascaro MSB, et al. Automedicação em crianças atendidas em centro de especialidades odontológicas na Amazônia. Rev. Assoc. Paul. Cir. Dent 2015;69(4):369-375.
  - [15] Sousa LA, Sena CFA. Automedicação entre universitários dos cursos de graduação na área da saúde na FCV-sete lagoas: influência do conhecimento acadêmico. Rev Bras. Cien da Vida 2017;5(1):1-21.
  - [16] Laires PA, Laíns J, Miranda LC, et al. Alívio inadequado da dor em pacientes com osteoartrite de joelho primária. Rev. Brs. Reumatologia 2017;57(3): 229-237.
  - [17] Sousa AAH, Sousa ACP, Lima LAR, et al. Prevalência e fatores relacionados com a automedicação em moradores de bairros da zona sul de Teresina - PI. Rev. Inter. Tox., Risc. Am. e Soc. 2014; 7(3): 140-149.